
A REDE SOCIAL “FACEBOOK” E O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS EM LÍNGUA PORTUGUESA – UMA ANALOGIA POSSÍVEL?

The Social Network “Facebook” and the Process of Training of Words in Portuguese Language – a Possible Analogy?

Adriano Almeida Ramos¹

Eliane G. Silva Fonseca²

Resumo: O presente estudo objetiva fomentar o uso de analogias no processo de formação de palavras compostas e derivadas, utilizando como apoio o livro didático “Singular & Plural” e a rede social “Facebook”. Nosso intuito é auxiliar educadores na elaboração de artifícios capazes de promover uma aprendizagem significativa em língua portuguesa. Acreditamos nesse processo ligado a uma rede de semelhanças e integrado a uma teia de informações, ou seja, o conhecimento está conectado a pensamentos que nem sempre estão relacionados à norma culta apresentada na escola, mas à vivência social. Logo, a analogia precisa refletir o contexto sociocultural do sujeito e ser verossímil para fazer algum sentido a ele. Nossos estudos assinalam de modo recorrente, o uso do processo análogo para evitar alguma dificuldade de expressão, obter mais clareza, pôr em destaque uma oposição ou semelhança e compreender uma regra antiga ou nova. Isso significa que para o entendimento eficiente, o indivíduo emprega associações e comparações que nem sempre intencionava dizer, entretanto, pelo uso de analogias, consegue comunicar-se de modo eficiente. Assim, observamos que existem possibilidades de melhorias na aprendizagem em sala de aula e propomos analogias entre a rede social “Facebook” e o processo de formação de palavras da língua portuguesa.

Palavras-Chave: Aprendizagem. Língua-Portuguesa. Processo de Formação de Palavras. Facebook.

Abstract: The present study aims to encourage the use of analogies in the process of forming compound and derived words, using as support the textbook “Singular & Plural” and the social network “Facebook”. Our aim is to assist educators in the elaboration of devices capable of promoting meaningful learning in Portuguese. We believe in this process linked to a network of similarities and integrated into a web of information, that is, knowledge is connected to thoughts that are not always related to the cultured norm presented at school, but to social experience. Therefore, the analogy must reflect the sociocultural context of the subject and be plausible to make any sense of it. Our studies have repeatedly pointed out the use of the analogous process to avoid some difficulty in expression, to obtain clarity, to highlight an opposition or similarity, and to understand an old

1 Graduado em Letras com dupla habilitação pela UEMG- Ibirité, professor de língua portuguesa pela Secretaria de Educação de MG.

2 Doutoranda em Linguística pela PUC-MG, Mestre em Educação Tecnológica pelo CEFET-MG, graduada em Letras e Docente titular do curso de Letras pela Universidade do Estado de Minas Gerais- UEMG, docente da FAMIG nos cursos de Administração de Empresas, Ciências Contábeis e Direito.

or new rule. This means that for efficient understanding, the individual employs associations and comparisons that he did not always intend to say, however, by the use of analogies, he manages to communicate efficiently. Thus, we observed that there are possibilities for improvements in classroom learning and we propose analogies between the social network “Facebook” and the process of word formation of the Portuguese language.

Keywords: Learning. Portuguese language. Word Formation Process. Facebook.

INTRODUÇÃO

A aprendizagem eficaz é uma tendência na educação, de modo geral, e o assunto está em voga entre os estudiosos da área. Muitos pesquisadores têm se debruçado em iniciativas com o propósito de apontar ferramentas capazes de favorecer a construção do conhecimento de forma mais dinâmica e eficiente. Segundo (MORTIMER, 1996, p. 34.), “A tentativa de descrever a evolução das ideias dos estudantes como uma mudança de perfil conceitual é uma maneira de descrever um conjunto específico de ideias num espaço social determinado [...]”.

A presente pesquisa busca refletir a contribuição do uso de analogias como meio benéfico e capaz de promover o aprendizado a que nos referimos anteriormente, usando como argumento os processos relacionados à formação de palavras compostas e por neologismos no contexto de uso do Facebook.

Essas reflexões são aliadas, têm características em comum e colaboram com nossas expectativas, pois vários autores desenvolveram métodos de aprendizagem, levando em consideração que a aquisição do conhecimento parte daquilo que o aprendiz já sabe, para aquilo que ele ainda não sabe, ou seja, a aprendizagem é externa ao sujeito e para que ocorra de modo eficiente, será necessária uma mediação. De acordo com (OLIVEIRA, 1997, p. 27), “A relação do indivíduo com o mundo é mediada pelos instrumentos e símbolos desenvolvidos no interior da vida social”.

Essa mediação pode ocorrer por modos distintos, seja pelo uso de analogias, como defendemos até aqui, pela relação entre professor e aluno ou pela existência de três fatores relevantes para a aprendizagem significativa, o conhecimento inerente ao sujeito, a disposição para aprender e a motivação para assimilar algo em seu benefício, como afirmou (AUSUBEL, 1968, p. 6).

Nossa pesquisa objetiva identificar como as analogias podem ser usadas para facilitar a aprendizagem significativa. Também intencionamos elaborar uma metodologia de ensino com analogias (MECA) com o propósito de auxiliar professores no âmbito escolar.

Ao longo do tempo, estudiosos afirmam que muitos educadores encontram dificuldades no ensino de língua portuguesa. Estudos apontam adversidades na aquisição do conhecimento, no que diz respeito aos processos de formação de palavras, por exemplo. Nesse sentido, alguns professores adotam metodologias julgadas como mais ou menos adequadas a cada tipo de situação. Por vezes, sentem-se frustrados quando não alcançam os resultados esperados. O espaço da sala de aula é diverso, nele se encontram variados tipos de alunos, com necessidades diferentes e existem docentes com dificuldades em atender a essas diferenças.

Na opinião de (FONSECA e NAGEM, 2010, p. 4), vários pesquisadores, ao estudarem a criatividade, afirmam que o uso de analogias são importantes ferramentas nas descobertas científicas. Logo, consideramos necessária uma pesquisa que possa promover a análise sobre o modo como tais métodos interferem na aprendizagem dos sujeitos com o propósito de elaborarmos um modelo análogo, coerente com o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e o Currículo Básico Comum (CBC).

De acordo com PNLD,

(...) a metodologia é transmissiva quando a proposta de ensino acredita que a aprendizagem de um determinado conteúdo deve dar-se como assimilação, pelo aluno, de informações, noções e conceitos, organizados logicamente pelo professor e/ou pelos materiais didáticos adotados. (...) Bons resultados nesse tipo de abordagem exigem uma organização rigorosamente lógica da matéria e, sobretudo, uma adequada transposição didática de informações, noções e conceitos que leve em conta o patamar de conhecimentos e as possibilidades dos alunos. (PNLD, 2014, p. 24).

Esse raciocínio reforça a ideia de que o conhecimento internalizado pelo aluno precisa ser considerado no processo de aprendizagem e no intuito de tornar o tema escolhido mais próximo dos nossos objetivos, recorreremos a estudos relativos à psicologia, ciências, analogias, entre outros, em favor da construção do processo de ensino-aprendizagem e consideramos necessário apresentar algumas exposições indicadas por estudiosos das áreas citadas.

Segundo (SENAC e NAGEM, 2003, p. 18) o uso de analogias “envolve intensas e frequentes construções representacionais imagísticas, resultando em substancial economia do processamento cognitivo.” Os autores descreveram as analogias como comparação de estruturas ou relações entre dois campos. Nesse sentido, julgamos necessário recorrer ao conceito de analogia para expandir nossas reflexões a respeito do tema proposto. De acordo com Nagem e Fonseca,

(...). Significam respectivamente: “Ana = de acordo com, segundo”. Logos= razão. Portanto, segundo uma razão. No sentido original (empregado pelos gregos): proporcional. Meta = mudar. Pherein = carregar, portar. A junção dos dois étimos era compreendida pelos gregos como significando transferir ou transportar”. (NAGEM E FONSECA, 2010, p. 4),

Analogias tornaram-se motivo de interesse, de modo geral e em particular, na área da educação, pois podem ser consideradas como metodologias aliadas às boas práticas de ensino-aprendizagem em sala de aula. Tais processos precisam considerar dois elementos fundamentais dessa relação, o professor e o aluno.

Esse raciocínio é considerado por Cachapuz, ao afirmar,

(...) analogias e metáforas podem bem ser uma necessidade epistemológica já que, em conjunto com a imagética que lhes está associada, podem constituir poderosos instrumentos de ajuda cognitiva e, nesse sentido, importantes mediadores da aprendizagem dos alunos. (CACHAPUZ, 1989, p. 123),

Essas ideias estão alinhadas às propostas de (VYGOTSKY, 1989, p. 27) ao apontar que o desenvolvimento humano necessita de outras interações externas ao aprendiz, a que ele chamou de mediação, processo pelo qual a construção do conhecimento ocorre através de uma interação mediada

por outras relações.

Isso significa que a analogia proposta precisa refletir o domínio do professor sobre determinado conteúdo e a correspondência que o aluno deve ter entre o que se ensina e a sua realidade, ou seja, o professor deve definir seus objetivos, compreender as necessidades dos aprendizes e escolher metodologias adequadas a cada tipo de situação. Nesse sentido, a analogia pode ser compreendida de maneira diferente para cada pessoa, levando em consideração o meio cultural em que está inserida.

Essa linha de pensamento merece reflexão, pois se a analogia não for entendida pelos alunos, poderá ocasionar problemas, como afirmam: (FARIA e RAMOS, 2013, p. 1803), “se o estudante não aceita a analogia, o professor esforça-se para encontrar uma ponte analógica (ou várias pontes analógicas) conceitualmente intermediárias entre a ideia-alvo e a âncora.” Ou seja, o docente não pode se engessar em um modelo, acreditando que este funcionará de modo eficiente para todos os perfis de alunos, como afirmam os autores.

Segundo o (PNLD, 2014, p.24) “(...) o tratamento didático dado a um conteúdo curricular é vivencial quando investe na ideia de que o aluno o aprende vivenciando situações escolares em que esse conteúdo está envolvido.” Isso significa que o conhecimento é conquistado a partir do que o aluno já sabe e o professor servirá como ponte entre o conhecido e o novo.

As teorias analisadas também levam em consideração que os modelos análogos não podem ser considerados como a solução de todos os problemas em sala de aula. (NAGEM, 2002, p. 02), por exemplo, recorre à história para afirmar que as analogias nem sempre foram observadas de modo benevolente. O autor é assertivo ao afirmar que,

O uso de analogias e de metáforas, como mediadores no processo de ensino e de aprendizagem, foi muito criticado nas últimas décadas. Alguns educadores as consideram frívolas, desnecessárias e apenas servem como muletas para mentes preguiçosas. Entretanto, essa visão radical está sendo revista e considerada equivocada por pesquisas e teorizações realizadas nos últimos 20 anos. (NAGEM, 2002, p. 02)

A metodologia de ensino com analogias – MECA

Os estudos de (CARVALHAES, DIAS e NAGEM, 2001, p. 197-213), apontaram que o Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) criou uma equipe com o nome GEMATEC, cujo objetivo é a contribuição com o desenvolvimento de atividades relacionadas ao ensino por meio de analogias e metáforas. Os estudos realizados pelo GEMATEC proporcionaram o que mais tarde foi chamado de MECA, um tipo de modelo de ensino e para que ela possa ser aplicada, são necessários alguns passos, a saber:

QUADRO 1

1	Área do Conhecimento
2	Assunto
3	Público
4	Veículo
5	Alvo
6	Descrição da Analogia
7	Semelhanças e Diferenças
8	Reflexões
9	Avaliação

Fonte: NAGEM, R. L., CARVALHAES, D.O.

Revista Portuguesa de Educação, 14 (1), 197-213. 2001.

Quadro desenvolvido pelo GEMATEC em 2001.

O quadro acima foi desenvolvido pelos estudos do GEMATEC e a área do conhecimento deve ser definida, pois uma analogia de determinada área pode ser veículo de outra. Os autores afirmam que o assunto está relacionado ao tema e que a definição do público é necessária, visto que ao elaborar uma analogia, o conhecimento prévio é considerado. Além disso, os autores estabelecem que o veículo é o que torna a analogia correspondente para o público alvo. Realizadas essas escolhas, a MECA apresentada por eles, descreve a analogia em detalhes, além da forma como será utilizada e apresenta; quais são as semelhanças e diferenças entre elas. A partir daí, refletem e discutem sobre a analogia em questão para enfim, avaliarem a compreensão do conceito e nesse caso, os autores apontam que podem ser feitas novas analogias, pelos próprios alunos com a finalidade de fortalecer algum entendimento.

Para a aplicação da metodologia mencionada, analisamos um capítulo de um livro didático de 9º ano do ensino fundamental. A escolha foi feita segundo os critérios estabelecidos pelo PNLD (2014) e optamos pelo livro Singular & Plural – Leitura, produção e estudos de linguagens. O livro é utilizado na rede pública e particular de Minas Gerais. É da autoria de Laura de Figueiredo, Marisa Balthasar e Shirley Goulart.

Normalmente, os livros didáticos não abordam diretamente o uso de analogias, porém é possível perceber que alguns deles apresentam analogias que não são explicadas ou introduzidas de forma a provocar o aprendizado significativo. Nesse sentido, a unidade que escolhemos para análise condiz com essa afirmativa, pois na página 182, a primeira da unidade, encontramos a palavra “abensonhadas” que pode ser considerada como uma analogia, pois o aluno poderá interpretá-la como “abençoada” ou “sonhada”. Veja a imagem,

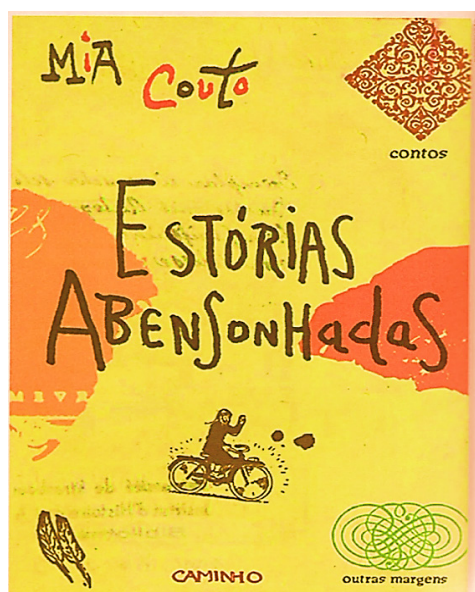


FIGURA 1 - Capa do livro Abensonhadas.

Fonte: BALTHASAR, FIGUEIREDO

E GOULART, 2012, p.182.

Entretanto, notamos que as autoras propõem aos alunos que decifrem quais palavras foram utilizadas nesse processo de formação. Essa analogia tem potencial para gerar confusão no entendimento, uma vez que o aprendiz pode encontrar tantas palavras possíveis que não foram pensadas pelas autoras da obra e não condizem com os resultados desejados. Espera-se que o aluno encontre as palavras: “abençoadas” e “sonhadas”.

Porém, por meio da analogia e de seu conhecimento, ele poderá encontrar outras palavras, como “bem, sonho” e “bem sonhadas”, por exemplo, e isso pode dificultar seu entendimento. (BACHELARD, 1996, p. 97; p. 101; p. 93) considera, “O perigo das metáforas imediatas para a formação do espírito científico é que nem sempre são imagens passageiras.” Segundo o autor, esse processo é perigoso uma vez que a imagem construída pelo aluno pode desfavorecer os propósitos do professor ao introduzir o assunto.

A metodologia de ensino com analogias e o Facebook

A partir dos estudos do GEMATEC foi elaborada uma metodologia que é utilizada por várias demandas de ensino, entre elas, a física, a matemática, a ciência, a biologia e até mesmo a LP. Entretanto, nossos estudos apontaram, anteriormente, a necessidade da elaboração de novas MECA na área do ensino de língua portuguesa. Seguindo o modelo desenvolvido por (NAGEM, DIAS e CARVALHAES, 2001, p. 197-213) indicamos uma analogia entre o processo de formação de palavras derivadas e compostas e a rede social “Facebook”, conforme mostrado a seguir,

Área do conhecimento: Língua Portuguesa; Assunto: Conhecer os processos de formação das palavras derivadas e compostas; Público: Estudantes do 9º do ensino fundamental; Veículo: “Facebook”; Alvo: Processo de composição das palavras: por justaposição e por aglutinação; Processo de derivação prefixal, sufixal; prefixal e sufixal, parassintética, imprópria e por redução, além dos

neologismos presentes na LP.

Descrição da analogia: (O professor conta o caso de um aluno que decidiu participar da rede social “Facebook”. Na história apresentada, ele realizará uma comparação entre os processos de formação de palavras e o “Facebook”). João decidiu acessar o Facebook e criou um perfil usando seu e-mail. Convidou vários amigos, que o “adicionaram” imediatamente. Ao participar do “face”, João fez “posts” sobre os seus cantores favoritos, “curtiu e descurtiu” as publicações de seus amigos. Mudou o “status” para “disponível” e participou de várias conversas no bate-papo. Inclusive, usou abreviaturas quando falava com os amigos, pois acredita que a conversa é mais ágil ao usar termos como: “vc”, “tb”, “pq”, “sqn”, por exemplo. João adora usar o “face” para criar palavras.

Ele faz isso o tempo todo. Ontem, por exemplo, ele inventou a palavra “nuss”, que significa, “puxa, que coisa!”.

Mas, alguns de seus amigos não “curtem” seus “posts” e fazem comentários que o desagradam. Quando isso acontece, ele “bloqueia” essas pessoas para que elas não consigam escrever nada em seu “face”. Porém, João sabe que algumas de suas publicações são um pouco estranhas e por isso, ele as “oculta” em sua página, para que seus amigos não possam vê-las. Apesar de ocultas, elas ainda estão lá.

No processo de formação de palavras ocorre algo semelhante à página que João criou no “Facebook”, pois na derivação prefixal, por exemplo, é adicionado um prefixo antes de uma palavra existente, como acontece em “**infeliz**”. Isso é semelhante ao fato de João escrever como está se sentindo naquele dia, antes de postar para os amigos.

Na derivação sufixal, inserimos um sufixo depois de uma palavra primitiva e isso ocorre de modo semelhante no “face”, uma vez que só colocamos uma legenda em uma foto, por exemplo, depois de anexá-la à nossa página. Veja os exemplos, **felizmente**, **brevemente**, **organizado**, **postado**, **sugerido**, **seguido**.

As novas palavras que João conheceu servem para ajudá-lo a entender como funciona a derivação prefixal e sufixal, pois esse processo acrescenta um prefixo antes e um sufixo depois da palavra primitiva, sem perda para ambos, como ocorre em “**infelizmente**”. Esse tipo de derivação é similar às publicações no “face”, pois é possível colocar uma foto e inserir um título antes dela e comentários depois, sem que haja perda de sentido, como mostrado na imagem a seguir, para mostrar a semelhança com o processo de derivação prefixal e sufixal (2014)

Finalmente chegou o último semestre da graduação. Bem vindo. #TCC a todo vapor. Com Giane Pimenta. — 😊 se sentindo realizado.



Descurtir · Comentar · Compartilhar

Ver mais 10 comentários



Fonseca Eliane Fonseca Estou com saudades de vcs.
25 de fevereiro às 20:50 · Descurtir · 1

FIGURA 2 - Apresentação de banner.

Fonte: arquivo pessoal. Imagem retirada da rede social Facebook

Além disso, a figura apresentada também usa outro processo de formação, por redução, como ocorre em “vcs”, ao referir a “vocês”. João utiliza frequentemente palavras siglonimizadas em seu “face”, especialmente no “bate-papo”. Listamos as mais comuns, VC – você; TB – também; SQN – só que não; BJOS – beijos; Q – que; OQ – O quê?; RS – risos; Ñ – não; HS – horas.

Já no processo de derivação parassintética, é acrescentado um prefixo e um sufixo de modo que se for retirado um deles, a palavra deixa de existir, como ocorre em “**empobrecer**”, ou seja, não existe a palavra “empobre” e tampouco “pobrecer”.

Algo parecido acontece no “face”, quando desfazemos uma amizade, pois ao fazer isso, a amizade desfeita deixa de fazer sentido no nosso perfil. Também consideramos a derivação regressiva, processo em que parte da palavra primitiva é reduzida, dando origem a outra palavra.

Anteriormente, dialogamos sobre os processos de derivação de palavras e agora, falaremos sobre a composição de palavras. Primeiramente, vamos discorrer sobre a justaposição, pois nesse caso, duas palavras primitivas ficam próximas de modo que nenhuma delas perca sentido, assim como no “Facebook”, quando compartilhamos um pensamento com nossos amigos. Ressaltamos que a linguagem utilizada na rede social também se apropria de palavras formadas por justaposição,

como acontece e: “bate-papo”, por exemplo.

Por outro lado, no processo de composição por aglutinação, juntamos duas palavras e uma delas sofre alteração fonética, ou seja, há uma perda para uma delas e isso ocorre de forma similar, no “face”, quando “ocultamos uma postagem”, pois sabemos que ela existe, mas não está explícita, assim como acontece nos exemplos a seguir, aguardente – omissão do “a” de água + ardente; planalto – omissão do “o” de plano + alto; hidrelétrico – omissão do “o” de hidro + elétrico.

Por fim, falaremos a respeito dos neologismos e gírias, uma vez que se trata de novas palavras ou novos significados para palavras já existentes. Palavras como, “status e feed” têm origem na língua inglesa e significam “estado e alimentação”, respectivamente e na rede social ganharam novos significados, pois para “status” foi atribuído o sentido de: “no que você está pensando”; e para “feed” foi atribuído o sentido de “lista”, como em: “feed de notícias”, “feed de jogos” e “feed de páginas”.

Para que as ideias discutidas anteriormente possam se tornar mais compreensíveis, elaboramos o quadro a seguir, comparando as semelhanças e as diferenças entre o Facebook e os neologismos.

QUADRO 2

SEMELHANÇAS		DIFERENÇAS	
Veículo: Facebook	Alvo: Neologismos	Veículo: Facebook	Alvo: Neologismos
Atribui novos sentidos às palavras existentes. Exemplos: descurtir, adicionar, post e face.	Criação de uma nova palavra a partir de outra já existente. Exemplo: Vou dar uma reguada na sua mão.	As pessoas se reúnem em comunidades e não se misturam nelas. Exemplo: Comunidades sobre poesias.	As palavras se misturam (agregam) formando outra palavra nova. Exemplo: pé na jaca, e dor de cotovelo.
É uma rede social.	Neologismos são utilizados em uma sociedade.	É uma página na internet	Estão contidos em gramáticas, livros e poesias.
Novas palavras são assimiladas.	Lida com novas palavras.	As novas palavras são dicionarizadas.	Novas palavras são postadas e podem mudar a todo o momento.
Faz o uso de redução nas palavras. Exemplo: vc; pq; aff e smp.	Pode reduzir palavras. Exemplos: “prof” que significa professor.	Reduz para facilitar a comunicação.	Reduz para ampliar o vocabulário.
Utiliza siglas na comunicação. Exemplos: OMG; ROX; SQN; LOL e FDS que significa “fim de semana”.	Utiliza siglas para formar novas expressões. Exemplo: CQD que significa “conforme queríamos demonstrar.	As siglas podem conter sentidos variados. Exemplos: VQC que significa “Vai que cola” ou “você que comer?”	As siglas contêm sentidos limitados. Exemplo: VASP que significa “Vagabundos Anônimos Sustentados pelos Pais”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossas reflexões mostraram a relevância que o professor tem na escolha de material e na abordagem dos conteúdos em sala de aula, uma vez que isso pode determinar o modo como os alunos entenderão certos conceitos. Dessa forma, demonstra que o professor, ao escolher as metodologias a serem utilizadas, deverá considerar as experiências vivenciadas pelos aprendizes.

Diante disso, tornou-se viável a construção de um modelo de analogias, baseado nos teóricos escolhidos em nossa pesquisa e que contribuísse com nossas propostas. Nesse sentido, escolhemos a rede social Facebook pelo fato de ela fazer parte da vivência dos alunos e contribuir com a interação entre o que eles conhecem e o alvo, formação de palavras, como apontou Ausubel (1968) ao propor a aprendizagem significativa.

Sendo assim, os objetivos de nossa pesquisa foram alcançados, visto que por meio de nossas reflexões enxergamos a necessidade de se buscar diferentes mecanismos de ensino, além da possibilidade de propor novos modelos facilitadores e que desafiem o processo de ensino e de aprendizagem. Destacamos ainda que o assunto não se esgota por aqui e isso possibilita o investimento em novos modelos a partir da pesquisa realizada.

REFERÊNCIAS

- AUSUBEL, D. P. **Educational psychology: a cognitive view**. (1ª ed) Nova York, Holt, Rinehartand Winston, 685 p. 1968.
- BACHELARD, G. **A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento**. Trad. Estela dos Santos Abreu. – Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CACHAPUZ, A. **Linguagem Metafórica e o Ensino das Ciências**. Revista Portuguesa de Educação, Universidade do Minho, Braga - Portugal, v.2, n.3, 117-129, 1989.
- FARIA, Giane Cristina C.P.; RAMOS, Adriano Almeida. FONSECA, Eliane G. S. **O uso das analogias no ensino de língua portuguesa à luz da teoria de Vygotsky e Bakhtin**. 2013 Anais UFSJ. ISSN: 2318-4108. p.1802-1808.
- FIGUEIREDO, Laura de; BALTHASAR, Marisa; GOULART, Shirley. **Singular & Plural - Língua Portuguesa - Leitura, Produção e Estudos de Linguagem**, 9º Ano – 1. Ed.- São Paulo: Moderna, 2012.
- FONSECA, Eliane G. da Silva; NAGEM, Ronaldo Luiz. **Uma estratégia de ensino baseada no uso de modelos, analogias e metáforas na construção de saberes significativos**. In: III Congresso Nacional de Letras, Artes e Cultura. UFSJ: São João Del-Rei, 2010.

MORTIMER, Eduardo Fleury. **Construtivismo, mudança conceitual e ensino de ciências: para onde vamos? Investigações em Ensino de Ciências** – V1(1), pp.20-39, 1996. Disponível em http://www.if.ufrgs.br/public/ienci/artigos/Artigo_ID8/v1_n1_a2.pdf Acesso em 09 Out. 2016.

NAGEM, R. L. *et al.* **Analogias e metáforas no cotidiano do professor**. CEFET, Belo Horizonte, 2002.

NAGEM, R.; CARVALHAES, D.; DIAS, J. **Uma Proposta de Metodologia de Ensino com Analogias**. Revista Portuguesa de Educação, Braga - Portugal, v. 14, nº 1, 197- 213, 2001.

OLIVEIRA, M. K. de. **Vygotsky: Aprendizado e Desenvolvimento, um Processo Sócio Histórico**. São Paulo: Scipione, 1997.

PNLD 2014: **língua portuguesa: ensino fundamental: anos finais**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2013.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS. **Conteúdo Básico Comum – Português** (2005). Educação Básica - Ensino Fundamental (5a a 8a séries).

SENAC, A. M.; NAGEM, R. L. e MELO DE CARVALHO, E.: **Metodologia de ensino com analogias: um estudo sobre Classificação dos animais**. Artigo apresentado no IV ENPEC – Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – Nov./2003 Revista Iberoamericana de Educación (ISSN: 1681-5653) Disponível em: http://www.rieoei.org/did_mat26.htm. Acesso em: 12 out. 2016.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo, Martins Fontes, 1989.

Créditos das imagens

BALTHASAR, FIGUEIREDO E GOULART. Figura 1, Capa do livro Abensonhadas. Singular & Plural, 2012, p.182.

NAGEM, R. L., CARVALHAES, D.O. Quadro 1. Revista Portuguesa de Educação, 14 (1), 197-213. 2001.

RAMOS, ADRIANO. Figura 2. Apresentação de banner na UEMG. Fonte: arquivo pessoal.

FONSECA, ELIANE G. Quadro 2. Estudos realizados pelo GEMATEC – CEFET – MG. Fonte: Arquivo pessoal.